

O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL EM CRICIÚMA/SC (1948-1952)¹

Renato de Araújo Monteiro²

Universidade do Extremo Sul Catarinense

Criciúma, Brasil

renatodearaujomonteiro@hotmail.com

Recebido em 5 de outubro de 2013

Aprovado em 29 de janeiro de 2014

Resumo

O presente estudo tem por objetivo analisar, à luz da teoria do processo civilizador de Norbert Elias, o processo de profissionalização do futebol na cidade de Criciúma. A mineração do carvão no Sul do Estado de Santa Catarina possibilitou o desenvolvimento na região de uma sociedade do tipo industrial, assim como o crescimento da prática do futebol, principal atividade de lazer entre os trabalhadores mineiros. A imprensa local e as atas da Liga Atlética da Região Mineira, fundada em 1948, apontam para um aumento de competitividade entre os clubes locais e uma consequente capacidade de suscitar identidades antagônicas entre torcedores. Fatores estes que, segundo Eric Dunning, estão na base do processo de profissionalização do esporte, e que levaram a liga a oficializar o regime profissional em 20 de agosto de 1952.

Palavras-chave: futebol; identidade; processo civilizador.

Abstract

The professionalization process of soccer in Criciúma/SC (1948-1952)

The present study aims to analyze, in the light of Norbert Elias's theory of civilizing process, the professionalization process of soccer in Criciúma city. The coal mining in Southern State of Santa Catarina enabled the development in the region of a society of industrial type, well as the growth of soccer practice, main activity amusement among miners workers. The local press and minutes of the Liga Atlética da Região Mineira, founded in 1948, point to the increasing competitiveness among local

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol.

² Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense.

clubs and the consequent capacity to evoke antagonistic identities between fans. These factors, according Eric Dunning, underlie the process of professionalization of sport, and that led the league to officiate the professional regime on August 20, 1952.

Keywords: soccer; identity; civilizing process.

Introdução

Alguns registros sugerem que o início da prática do futebol em Criciúma segue o mesmo panorama da maioria das demais cidades de Santa Catarina, cujos memorialistas alegam remontar a década de 1910 (DASSILVA e GASPERIN, 2010; MACHADO, 2000). Há indícios de que no começo dos anos 20 já poderia haver times de futebol organizados nas vilas operárias, no entanto, o primeiro oficialmente registrado é o Mampituba Foot Ball Club, fundado em 18 de maio de 1924 na região central da cidade.

Neste contexto, Criciúma vivenciava um significativo processo de transformações econômicas e sociais acentuado com início da mineração das jazidas de carvão existentes na região, resultado da política de substituição de importações promovida durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Para o historiador Dorval do Nascimento (2004, p. 383-385), este foi o início dos *tempos da mineração*, quando Criciúma abandonou aos poucos o sistema de produção agrícola que prevalecera desde o final do século XIX para adquirir um modelo econômico predominantemente industrial.

A oferta de empregos nas minas de carvão desencadeou um significativo processo de migração para a região mineira. Segundo Alcides Goulart Filho e Ângela Maria Antunes do Livramento (2004), entre os anos 1918 e 1924 há um predomínio de trabalhadores locais, mas com o crescimento da demanda por mão-de-obra pós-1930, “paulatinamente aumenta a presença de [...] pescadores dos municípios de Jaguaruna, Laguna, Imbituba e Imaruí” (p. 40). Na mesma direção, Lucy Cristina Ostetto, Marli de

Oliveira Costa e Roseli Bernardo (2004) apontam que, a partir da instalação das grandes mineradoras a família mineira passa a ser composta sobretudo por pessoas vindas do litoral, ou seja, de localidades que “tiveram sua ocupação basicamente por açorianos e afrodescendentes” (p. 101). O historiador Carlos Renato Carola (2004) sintetiza este ponto ao afirmar que “a identidade cultural do trabalhador mineiro foi forjada num processo de transição em que tradicionais colonos e pescadores substituíram os respectivos modos de vida de origem pelo mundo das minas de carvão” (p. 22).

Para abrigar, controlar e disciplinar esta população, as companhias construíram uma série de pequenas casas de madeira que se converteram em vilas operárias. A mineradora também “colocava à disposição do operário o açougue, o armazém e a farmácia” e, além disso, “investiu em futebol, cinema e clubes recreativos” (BERNARDO, COSTA e OSTETTO, 2004, p. 104). Em pouco tempo, as vilas operárias circundaram o núcleo urbano, tornando-se uma das paisagens características da cidade. Um cenário que “causava estranheza em pessoas vindas de outros centros urbanos mais civilizados” (CAROLA, 2004, p. 193).

Durante este período, o Mampituba se consolidou como o principal clube da florescente Criciúma. De acordo com a revista editada em comemoração aos 85 anos da entidade, “a década de 1930 foi marcada pelo aumento significativo de sócios e também das atividades desenvolvidas” (BÚRIGO, 2009, p. 11). Entretanto, em 1937 a diretoria decidiu por fechar seu departamento de futebol, levando alguns de seus associados a idealizar um novo time, o Ouro Preto Futebol Clube, fundado em 24 de dezembro de 1939.

Coincidindo com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esta data marca também o advento de um novo contexto socioeconômico para a cidade. O

conflito beligerante outra vez interrompeu o comércio internacional e a indústria carbonífera nacional ganhou novo fôlego. O novo surto de oferta de empregos aumentou exponencialmente o já existente processo de migração para a cidade e a população do município praticamente dobrou em uma década, saltando de 27.753 habitantes em 1940 para 50.854 habitantes em 1950.³

Além da guerra, outro fator fundamental para o crescimento da indústria carbonífera catarinense neste período foi a criação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN –, que instalou um complexo industrial próprio na região. Para Carola (2004), a CSN cumpriu a função de “agente civilizadora”, coordenando o processo de transição “que permitiu às tradicionais famílias de colonos e pescadores da região do litoral Sul de Santa Catarina aprenderem boa parte do sistema da *sociedade industrial civilizada*” (p. 244).

De acordo com Paulo Sérgio Osório (2008), “foi nessa época que surgiu na cidade a maioria das instituições e serviços necessários à continuidade e ampliação do desenvolvimento econômico de Criciúma” (p. 40). Neste contexto serão constituídos os principais clubes de futebol da cidade. Não por acaso Ouro Preto Futebol Clube, Atlético Operário Futebol Clube, Esporte Clube Metrópol, Esporte Clube Próspera, São Paulo Futebol Clube e Comerciário Esporte Clube serão fundados justamente entre os anos de 1939 e 1947. A origem de todos eles está vinculada a um processo maior de estruturação de Criciúma enquanto cidade polo da região carbonífera de Santa Catarina.

Para coroar o referido crescimento da indústria carbonífera catarinense no contexto da Segunda Guerra Mundial, em 1946 o estado assumiu, pela primeira vez na

³ IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil 01/09/1940*. Série Regional Parte XIX – SC: Censo Demográfico: População e Habitação; Censos Econômicos: Agrícola, Industrial, Comercial e dos Serviços. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1952; IBGE. Conselho Nacional de Estatística – Serviço Nacional de Recenseamento. *Censo Demográfico (01/07/1950) Estado SC*. Seleção dos Principais Dados. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1952.

história, a liderança da produção nacional de carvão. No final daquele mesmo ano foi erigido, na praça central de Criciúma, um monumento “aos homens do carvão” e a partir de então “tornou-se uma prática, sobretudo nos discursos oficiais, enaltecer Criciúma como a ‘Capital Brasileira do Carvão’ e/ou a ‘Metrópole do Carvão’” (CAROLA, 2002, p. 18). A estrutura de bronze era composta por um imponente pedestal sobre o qual ficava a escultura de um mineiro vestindo chapéu e sem camisa. Para Carola (2004), “traços característicos do trabalhador da roça, [tratando-se de] uma imagem que marcou a metamorfose do colono-mineiro naquele momento” (p. 128).

No entanto, somente uma política protecionista seria capaz assegurar a sobrevivência da indústria carbonífera brasileira em face da desproporcional concorrência do capitalismo internacional. A partir deste momento, verifica-se uma participação ativa do Estado no processo de modernização do setor carbonífero, que implicou também “um persistente processo de mudança da mentalidade do proprietário e trabalhadores/as envolvidos, direta e indiretamente, com a economia do carvão” (CAROLA, 2004, p. 163). Estudos anteriores apontam que, para dar conta de tal projeto, “várias instituições foram acionadas para difundir uma série de serviços de assistência médica, social, de educação sanitária e ações preventivas que assumiram a forma de um *processo civilizador*” (CAROLA, 2004, p. 164).

É neste contexto que atuará a LARM⁴ – Liga Atlética da Região Mineira –, fundada em 05 de maio de 1948. A iniciativa de “entrar em entendimento com as diretorias dos demais clubes da região mineira para ser criada uma liga que coordenasse o esporte da região”,⁵ partiu da diretoria do Comerciário, time que representava os comerciantes do centro da cidade, portanto, com origens diferentes das dos demais

⁴ Lê-se “Larmi”.

⁵ Comerciário Esporte Clube. Ata de reuniões. Livro 1, 1947, p. 04. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

clubes, em sua maioria mantidos pelas companhias mineradoras. Na primeira diretoria da LARM, percebemos a predominância de um grupo de profissionais liberais que juntamente com comerciantes, mineradores e proprietários de terra locais compunham a camada mais alta da sociedade criciumentense. Nas palavras de Osório (2008), uma classe média urbana “que importou e implementou na cidade os preceitos da dita ‘sociedade moderna burguesa’, colocando em curso um projeto de ‘modernização da cidade’ a fim de fazer jus ao *status* assegurado pelo desenvolvimento econômico” (p. 13).

Portanto, sem desconsiderar as questões intrínsecas ao esporte que implicam a criação de uma liga, assinalamos que a fundação da LARM aconteceu em um momento específico em que Criciúma despontava como a principal cidade da região carbonífera. O grupo que irá conduzir a LARM é o mesmo que já vinha e atuando em vários segmentos da sociedade e que através do futebol, mais do que propagar os ideais e os valores da modernidade almejada, buscará transmitir, interna e externamente, a imagem de uma Criciúma moderna e civilizada, de uma “Metrópole do Carvão”.

Como veremos, o advento da LARM marca o início de uma fase distinta na história do futebol de Criciúma, onde um dos acontecimentos mais emblemáticos talvez tenha sido a oficialização do regime profissional em 1952, que por hora será estudada.

A oficialização do regime profissional

Talvez as exigências da LARM para com os clubes e atletas associados, principalmente após a sua vinculação à Federação Catarinense e à Confederação Brasileira de Desportos, seja um dos motivos que ajudem a explicar o histórico diminuto número de afiliados à entidade. Tanto que, paralelamente, para abrigar os times ditos “amadores”, fora criada a “Liga Varzeana Criciumentense”.

O primeiro artigo dos estatutos da LARM dizia que a mesma “tinha por fim o aperfeiçoamento e a difusão do amadorismo no esporte”. No entanto, já em 1949 o Comerciário entrou com um polêmico pedido na entidade: a inscrição de um atleta “não amador”. Com direito a um caloroso debate e através de votação, ficou decidido que a inscrição poderia ser realizada. Não sem protesto dos desacordes, que alegavam estar a entidade ferindo seus estatutos de liga amadora.⁶

Além de pioneiro, este caso parece ter sido, por algum tempo, também exceção. Aqueles realmente eram tempos de amadorismo. Para se ter ideia, a fim de participar dos jogos e treinos, Waldemar Dorval da Silva, atleta do Comerciário, chegou a percorrer a pé o trajeto de aproximadamente 15 quilômetros entre Criciúma e Morro da Fumaça, onde morava. Mas os títulos chegaram e, mesmo sem profissionalizá-lo, o clube fazia o que podia para não o perder. Além dos “bichinhos” ganhos nas vitórias, os que se destacavam recebiam prêmios mais significativos. Foi dessa forma que Bigode, como era conhecido, adquiriu seu primeiro automóvel. Remuneração pelos serviços prestados ao Comerciário na vitoriosa campanha de 1949. Mais tarde, lhe arranjaram ainda um emprego no comércio de Criciúma, para onde se mudou logo em seguida.⁷ Se, em alguns casos, jogar futebol enriquecia o currículo de um trabalhador aspirante a um emprego na mina, o mesmo acontecia nas lojas do centro da cidade. Caso semelhante é o de Ari e Murici, jogadores que foram avalizados pelos dirigentes do Comerciário a empreender uma casa de comércio.⁸

⁶ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões. Livro 2, 1949, p. 54-57. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

⁷ Waldemar Dorval da Silva, entrevista realizada por Renato de Araújo Monteiro e Rut Maria Costa em agosto de 2011. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

⁸ Murici José Burigo, entrevista realizada por Renato de Araújo Monteiro em novembro de 2011. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

Também nos times das vilas operárias mineiras “os jogadores, em sua maioria, eram trabalhadores das próprias carboníferas, mas acontecia que alguns jogadores vinham integrar o time e se tornavam operários das empresas” (BERNARDO, 2004, p. 132). No Esporte Clube Metropol, “a Companhia Metropolitana bancava os gastos do time com alimentação e transporte, além de incluir um adicional na folha de pagamento dos funcionários-atletas” (SILVA JÚNIOR, 1996, p. 31). Em relação ao Esporte Clube Próspera, o clube “sempre contou com a ajuda de um quadro de associados, na sua grande maioria funcionários da Carbonífera Próspera” (ALVES, 2001, p. 20). Este sistema de gratificações talvez fosse ainda mais intenso no caso do Atlético Operário, dono de um dos principais plantéis da região.

Em princípio, este “profissionalismo camuflado”, como foi classificado por comentaristas da época, trazia benefício aos times, que precisariam gratificar somente os jogadores mais assediados. Entretanto, o aumento da concorrência por bons jogadores elevava cada vez mais as despesas dos clubes que, sem um contrato oficial, não tinham qualquer tipo de garantia quanto à fidelidade dos atletas. A crescente valorização dos jogadores de futebol em Criciúma prejudicava principalmente os clubes menores, mas a situação dos clubes de maior expressão não era muito diferente, já que estes tinham que competir com clubes profissionais de outras cidades e estados.

Foi a partir desta conjuntura que começou a ser debatida na LARM a possibilidade de adoção do regime profissional pela liga. O então presidente da entidade era Túllio Schibuola, diretor que acumulava relativa experiência no futebol, tendo sido, inclusive, um dos diretores da Portuguesa de Desportos quando da sua profissionalização em 1933. Naquela ocasião, os motivos que levaram as ligas de São Paulo e do Rio de Janeiro a adotarem o regime profissional eram semelhantes aos então

vivenciados pelos clubes de Criciúma. O processo foi bastante delicado, tendo começado a ser discutido em maio e oficializado somente após a convocação de uma assembleia geral que decidiu, em 20 de agosto de 1952, transformar a LARM em uma liga mista, amadora e profissional.⁹ Durante as discussões, o jornal local *Folha do Povo* editou a seguinte matéria:

Tal modificação dos Estatutos de nossa Entidade poderá trazer grandes benefícios aos clubes ou então será o fim do futebol no sul catarinense. Oxalá saibam seus dirigentes seguirem à risca as determinações do não amadorismo. Segundo foi informado à nossa reportagem, os filiados à LARM irão manter um convênio com o objetivo de fixar bases para transferências e preços máximos a serem pagos aos seus atletas. Se tal convênio for respeitado, será muito conveniente, em caso contrário, irão ter os piores abacaxis...¹⁰

Apesar de temer pelo “fim do futebol sul catarinense”, o texto está falando de uma liga que, na prática, era responsável pelo esporte das cidades de Criciúma e Araranguá, além do distrito de Siderópolis, então pertencente à Urussanga. Levando-se em consideração que Araranguá e Siderópolis eram representadas por apenas um clube de cada localidade, chega-se a conclusão de que a preocupação era em relação à sobrevivência da própria liga e não do futebol. O receio era de que se o poder aquisitivo dos clubes maiores “esvaziasse” os clubes menores, o número de equipes filiadas à LARM reduziria drasticamente, comprometendo o interesse de jogadores e torcedores pelas suas competições. Sem um calendário razoável a disputar e com queda nas rendas, os próprios clubes maiores deixariam de investir em suas equipes e o interesse diminuiria cada vez mais. Foi por isso que se instituíram limites, como o teto salarial.

No entanto, apenas questões econômicas e intrínsecas ao esporte não são capazes de explicar de maneira satisfatória um processo social profundo que, pelo

⁹ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões. Livro 2, 1952, p. 93-97. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

¹⁰ “Os clubes da LARM aboliram o regime amadorista”. *Folha do Povo*. Criciúma, 18 fev. 1952.

menos em termos estatutários, aceitaria que um praticante amador de qualquer esporte pudesse se converter em um atleta profissional. Para aprofundarmos esta análise, lançaremos mão dos estudos realizados por Norbert Elias e Eric Dunning (1992), para os quais os esportes “não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais vasta de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral” (p. 302). São estas ligações entre o processo de profissionalização do futebol e a configuração da sociedade cricumense em um sentido mais amplo que buscaremos compreender a partir de agora.

O aumento da seriedade no futebol

Para Dunning (1992), o crescimento do significado social do desporto, orientado para o aumento da competitividade, do envolvimento sério e da busca pelos resultados, não deve ser entendido como uma simples oposição entre os defensores do amadorismo e os adeptos da profissionalização, mas, antes, como um conflito que surge da polaridade de objetivos que existe entre um jogo voltado para a satisfação dos próprios jogadores – amador – ou um jogo dirigido para os espectadores – profissional. Em resumo, o que chamamos por processo de profissionalização, seria uma perturbação no equilíbrio desta polaridade no sentido de transformar o jogo em espetáculo, aumentando a seriedade dos envolvidos nos confrontos, sejam eles atletas ou espectadores.

Segundo o sociólogo, estas polaridades entre os interesses dos jogadores e dos torcedores – entre seriedade e jogo – estão profundamente relacionadas. Ao levar um jogo a sério, os jogadores aumentam o nível de tensão e de rivalidade hostil do confronto, ficando mais susceptíveis a transgressões de regras e atitudes desleais. Na

medida em que os torcedores se identificam com as equipes, estão sujeitos a encarar uma derrota com mais dificuldade e, “uma vez atingido um determinado nível, até podem invadir o campo numa tentativa de suspender por completo o encontro” (DUNNING e ELIAS, 1992, p. 305). Deste modo, apesar do desenvolvimento do esporte, como afirma Norbert Elias (1992), estar relacionado ao processo de civilização, o aumento da seriedade, da competitividade e da busca por resultados, ou seja, o crescimento do seu significado social, podem também gerar espaços de “descivilização”.

As informações contidas nas atas da LARM parecem apontar para a direção indicada por Dunning, ou seja, para um progressivo aumento no nível de envolvimento de uma significativa parcela da sociedade criciumense para com o futebol. O crescimento da seriedade com a qual os jogos eram encarados, tanto por times quanto por torcidas, ficam evidentes nas ocasiões em que os jogos perdem o caráter de “confronto simulado” e irrompem em conflitos reais.

No Campeonato de 1948 não há notícias de grandes confusões, mas é preciso destacar a criação da Taça Disciplina no transcorrer da competição. A decisão de premiar o clube mais disciplinado da temporada já aponta para uma possível preocupação em relação ao comportamento dos jogadores. Talvez o episódio mais significativo neste sentido tenha acontecido fora de campo, quando “elementos da torcida do Próspera” enviaram um aviso ao árbitro Edgar Carneiro Sobrinho de que se o mesmo “não apitasse o jogo do seu clube contra o Comerciário com imparcialidade, eles invadiriam o campo”.¹¹ Pouco tempo depois, a LARM contratou um segurança para

¹¹ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 1, 1948, p. 31-46. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

impedir as invasões de campo, o que indica um possível aumento das interferências violentas de torcedores nos jogos, ou de ameaças das mesmas.¹²

Vários relatórios de irregularidades ocorridas nos jogos continuaram sendo enviados ao Conselho de Justiça durante o Campeonato de 1949, talvez com uma incidência cada vez maior de casos de indisciplina. Tanto que, em 20 de outubro, foi oficializada a criação de um novo órgão que cuidaria exclusivamente destas questões, a Junta Disciplinar Desportiva. Uma semana depois, o Delegado Regional de Polícia de Criciúma enviou um ofício à LARM, no qual solicitava “providências com relação às invasões de campo em dias de jogos”. Mas ao que parece o pedido não foi atendido e, ao final da temporada, “lastimáveis ocorrências” fizeram o presidente da liga pensar em pedir demissão do cargo.¹³

Apesar dos esforços da LARM, os casos de violência no futebol aumentaram ainda mais e talvez tenham atingido seu ápice no Campeonato de 1950. Confirmando o favoritismo, os dois times que haviam se tornado os maiores rivais da cidade, Comerciário e Atlético Operário, chegaram à final da competição, marcada para 14 de janeiro de 1951. Naquele mesmo mês, a *Folha do Povo* havia entrado em circulação e nos conta como foi o clássico pela hegemonia do futebol de Criciúma:

O jogo entre Atlético e Comerciário vinha sendo aguardado sob intensa expectativa [...]. Grande público se movimentou à tarde de ontem, rumo ao Estádio Irineu Bornhausen, ávido de assistir o sensacional embate. Como de costume, as torcidas dos dois clubes se colocaram uma no lado das cadeiras (Comerciário), outra no lado oposto. O jogo se iniciou às 17 horas, observando-se precaução por parte dos dois quadros. Qualquer descuido poderia ser fatal, de sorte que havia natural nervosismo entre jogadores e o público. Na primeira fase, observou-se domínio não muito acentuado por parte do esquadrão alvi-azul, mas o Atlético apesar de ter ficado com 10 jogadores dos 5 minutos em diante, tirou melhor proveito de um

¹² Liga Atlética da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1948, p. 3. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

¹³ Liga Atlética da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1949, p. 47-60. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

penalty que Jonas converteu. Murici [do Comerciário] desperdiçou uma penalidade máxima e a primeira fase assim terminou: Atlético 1x0 Comerciário. O seguinte tempo mostrou uma tática diferente do quadro operário que procurou garantir o score, atuando com 2 homens na linha e 8 na defesa. Aos 35 minutos de jogo Murici aproveitando um passe da direita empata a partida. Houve incidente, agressão ao juiz, invasão de campo e interrupção da peleja. Alega a torcida do Comerciário que o *goal* foi legítimo e que Anísio [goleiro do Atlético] foi o causante do tumulto. O Sargento Sérgio Tomazini [árbitro] foi agredido a socos, mas logo a polícia o protegeu. A partida não foi ao fim quando era o seguinte resultado: Comerciário 1x1 Atlético.¹⁴

Estamos cientes de que os exemplos citados no sentido de demonstrar uma ascendente de envolvimento sério no futebol de Criciúma partem de atas administrativas, não muito detalhistas, para uma matéria jornalística relativamente minuciosa. No entanto, estamos igualmente convictos de que se um transtorno desta envergadura tivesse ocorrido no período em que não havia imprensa escrita na cidade, algum tipo de vestígio seria deixado também nas atas da LARM, o que não aconteceu. Mas neste caso, ambas as fontes destacam a gravidade do episódio, como podemos verificar no julgamento dos envolvidos, que foi transcrito para o livro ata.

Aos quatorze dias de janeiro de mil novecentos e cinquenta e um, teve lugar a uma partida futebolística entre Comerciário e Atlético, em disputa do campeonato. Faltando alguns minutos para o término do jogo, ao verificar-se empate entre os dois quadros, notou-se sérios distúrbios no campo, provocados por Anísio Cardoso e torcidas presentes, sendo agredido o juiz Tomazini, que neste momento suspendeu o jogo por ser impossível a sua atuação, preenchendo a súmula a qual foi retornada a esta liga para a Junta Disciplinar Desportiva em exercício dar o seu parecer e julgar.¹⁵

O aumento da competitividade entre as equipes a cada competição parecia elevar o nível de tensão dos atletas e dos espectadores, a ponto de o jogo ser capaz de perder a sua característica de combate simulado e gerar conflitos reais, quase sempre violentos. Por sua vez, a identificação do público para com o time que os representava fazia com

¹⁴ “Campeão Criciumense de 1950 ainda não ficou conhecido”. Folha do Povo. Criciúma, 15 jan. 1951.

¹⁵ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1951, p. 71. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

que aumentasse a cobrança pelos bons resultados, pressionando o melhor desempenho dos atletas, dos quais dependia o nível de competitividade. Assim, nos termos de Norbert Elias, criva-se uma espécie de “retorno positivo” que cada vez mais deslocava o objetivo do jogo para a satisfação dos espectadores, que se encontra na raiz do processo de profissionalização do esporte. Como efeito colateral, o aumento da seriedade com a qual os envolvidos encaravam o confronto tornava-se diretamente proporcional ao nível de violência “aceitável” nos campos e nas arquibancadas.

O caso da final de 1950 serve para mostrar que todos os elementos capazes de aumentar a seriedade de um jogo estavam presentes no futebol criciumense naquele momento. O elevado grau de competitividade e a grande valorização do resultado ficam claros pelo próprio significado de um jogo entre os dois campeões dos anos anteriores, que envolvia não somente a vitória naquela partida ou o título daquele campeonato, mas, sobretudo, a hegemonia do futebol criciumense. No entanto, o elemento que mais chama a atenção neste episódio é a grande capacidade que os clubes tinham de representar grupos antagônicos de torcedores que ocupavam lados opostos do estádio. Segundo Dunning (1992), este é mais um fator que leva os atletas a se dirigirem para “os outros” e resulta no aumento da seriedade na prática do esporte (p. 321). Vimos que foi a partir desta identificação dos torcedores para com as equipes que se estabeleceu uma relação “íntima” entre o nível de tensão dentro de campo e nas arquibancadas, onde, segundo o cronista da *Folha do Povo*, havia “natural nervosismo entre jogadores e o público”. Como previra Dunning, uma vez atingido determinado nível, os espectadores poderiam até “invadir o campo numa tentativa de suspender por completo o encontro”. Foi exatamente o que aconteceu na final de 1950.

A representatividade dos clubes

A conturbada final do Campeonato da LARM de 1950 foi, acima de tudo, uma disputa entre um clube que representava os moradores da maior vila operária de Criciúma e outro que representava a classe dirigente do centro da cidade. Portanto, estão imbricadas aí não só paixões esportivas, mas também identidades étnicas, culturais, de comunidade e de classe, que ajudam a entender o nível de seriedade com a qual atletas e ambas as torcidas encararam o confronto. É possível que entre os torcedores do Atlético estivessem também torcedores dos demais clubes, unidos contra o Comerciário. Pois como descreveu a *Folha do Povo*, “como de costume, as torcidas dos dois clubes se colocaram uma no lado das cadeiras (Comerciário), outra no lado oposto”.

De acordo com Darlan Alves (2001), o time do centro recebia de certa forma, “a antipatia dos torcedores das carboníferas” (p. 18) e, segundo Osvaldo Souza, um dos diretores do clube, “todos tinham um grande prazer em vencer o Comerciário” (ALVES, 2001, p. 18). Ao analisarmos as fontes, percebemos que esse acirramento entre o Comerciário e os demais times, assim como o crescimento da identificação dos clubes com seus torcedores, caminhou em paralelo com o aumento da seriedade verificado no futebol.

Em 1948 o presidente do Comerciário pediu licença para “se ausentar e comparecer à partida de futebol que seu clube estava disputando”. Logo em seguida os trabalhos foram suspensos “em homenagem ao Comerciário” e todos se encaminharam ao jogo. Em outra oportunidade, o Ouro Preto pediu auxílio aos demais clubes para reforçar o seu time “que não estava em condição capaz de enfrentar um adversário da categoria do Nacional”, de Porto Alegre. Um mês depois, quando a cidade recebeu a visita da equipe do Corinthians, também de Porto Alegre, a LARM organizou um

combinado com os atletas de todos os clubes filiados a fim de enfrentar a equipe gaúcha.¹⁶ Em outubro, Comerciário, Atlético Operário e Ouro Preto reservaram datas para dois amistosos com o Paula Ramos, de Florianópolis, provavelmente também com uma equipe composta por atletas dos três clubes. O mesmo aconteceu quando da vinda do São José, outro porto-alegrense, desta vez com o acréscimo da participação dos jogadores do São Paulo.¹⁷

Mais do que as carboníferas que os mantinham, os clubes representavam, em primeiro lugar, as vilas operárias destas companhias. Assim, em 1948, é provável que cada clube já possuísse um quadro de torcedores relativamente fiéis, geralmente a partir de uma identificação prioritariamente territorial/comunitária. No entanto, nos parece que neste período as rivalidades não estivessem tão aguçadas e a prática de unir os times para compor uma única equipe pode ser um indicativo desta situação. Talvez, quando da vinda de equipes mais tradicionais, provenientes de núcleos urbanos maiores, o objetivo principal fosse representar a cidade de Criciúma, e não os clubes.

Em 1949, quando o Figueirense veio de Florianópolis para Criciúma e jogou com Próspera e Comerciário, já percebemos o indicativo de uma postura diferente. Cada clube procurou enfrentar o adversário com a sua própria equipe e, apesar de continuarem a representar a cidade, um bom resultado seria motivo de orgulho principalmente para os seus torcedores mais imediatos.

Mas é a partir de 1951 que fica mais clara esta relação de identidade entre os clubes e as torcidas. Quando o Nacional de Porto Alegre voltou a Criciúma, uma semana antes da fatídica final de 1950, enfrentou três adversários em apenas uma

¹⁶ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 1, 1948, p. 2-26. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

¹⁷ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1948, p. 3-9. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

semana. O primeiro jogo foi realizado contra o Comerciário que, reforçado apenas por Ticolira, do Próspera, conseguiu segurar o empate de 1x1. Depois foi a vez do Atlético, que apesar do reforço do atacante Norzinho, vindo de um time de outra cidade, acabou sendo derrotado pelo placar de 6x1. Por fim, os visitantes derrotaram o Próspera, o qual jogou com um time cheio de atletas do Comerciário.¹⁸

Estes confrontos nos sugerem algumas considerações. Primeiro, que o Comerciário, por ser o time de um grupo social teoricamente mais preocupado com a imagem da cidade, talvez fosse o clube que sentisse a maior responsabilidade em bem representar Criciúma. O empate de 1x1 foi alcançado com muito custo, inclusive com a reclamação por parte do Nacional de um gol mal anulado no final do jogo. Segundo, que a rivalidade entre Comerciário e Atlético, às vésperas da decisão de 1950, já poderia estar acirrada, pois um evitou admissão de reforços do outro. E terceiro, que a relação entre Próspera e Comerciário parecia ser mais tranquila, apesar destes não terem defendido a camisa do primeiro com a dedicação que defenderam a sua.

Coincidência ou não, é após a confusão da final de 1950 que o Comerciário começará a aparecer como “o mais odiado” da cidade. Na decisão do Torneio Extra de 1951 contra o São Paulo, por exemplo, “o público se dividiu nas preferências: a numerosa torcida comerciária, e a torcida são-paulina e dos demais quadros, que se coligaram, apoiando aquele que era considerado o mais fraco”.¹⁹ No final do ano, quando novamente conseguiu empatar com um time de Porto Alegre, desta vez o

¹⁸ “Empataram Nacional e Comerciário”. Folha do Povo, Criciúma, 08 jan. 1951; “Baqueou o Atlético por 6x1”. Folha do Povo, Criciúma, 08 jan. 1951; “Nacional x Próspera”. Folha do Povo, Criciúma, 15 jan. 1951.

¹⁹ “São Paulo vence o Torneio Extra de 1951”. Folha do Povo, Criciúma, 30 abr. 1951.

Cruzeiro, a *Folha do Povo* lamentou “o fato de torcedores de outros clubes rivais do Comerciário terem feito apaixonada torcida contra os locais”.²⁰

Apesar do curto período de atuação da LARM, no início de 1952, quando foi adotado o regime profissional, o futebol de Criciúma parecia já não ser mais aquele de 1948. De elemento que compunha a imagem de uma cidade moderna e civilizada, havia se transformado em um campo de disputas sérias que por muitas vezes convertia-se em espaços de violência generalizada. Para os torcedores, já não bastava torcer pela cidade, mas sim para o seu clube e, em alguns casos, a favor dos visitantes e contra os rivais. Para os dirigentes da LARM, a imagem da cidade divulgada através do esporte nem sempre era aquela idealizada. O futebol parecia estar fugindo do controle.

A imagem da cidade desde o futebol

As notícias da grande confusão na final do Campeonato da LARM de 1950 chegaram rapidamente às demais cidades do Estado. Em Tubarão, o Ferroviário, que deveria enfrentar o vencedor daquele confronto pelo Campeonato Catarinense, exigiu garantias para jogar em Criciúma. Mas a repercussão mais negativa certamente aconteceu em Florianópolis, quando a imprensa da capital disse que “as atitudes degradantes e ignominiosas da torcida, colocavam em xeque [seus] foros de povo civilizado”.²¹ O aumento da seriedade nos jogos estava transformando os clubes em incitadores de violência e maculando a imagem da “moderna” e “civilizada” “Metrópole do Carvão”. Como era de esperar, este fenômeno despertaria a reação de alguns segmentos da sociedade, como fica evidente na nota de “rebate” dada pela imprensa de Criciúma aos colegas de Florianópolis:

²⁰ “O Cruzeiro estreia em Criciúma, 1x1”. *Folha do Povo*, Criciúma, 12 dez. 1951.

²¹ “Posto de Observações”. *O Estado*, Florianópolis, 17 fev. 1951.

O “Posto de Observações” do Sr. Hamilton Alves, na seção esportiva d’*O Estado*, é fértil em preciosidades tais, que a gente não sabe mais o que admirar: se o “topete” da pena ou a condescendência do papel. [...] Na sua opinião o estádio de Criciúma deveria ser interditado. Não seríamos capazes de acreditar houvesse alguém tão prodigamente dotado em matéria de senso de proporção, a ponto de atribuir a tantos a culpa de tão poucos, e estes mesmos já devidamente punidos. Concordamos em que a agressão sofrida pelo árbitro Sérgio Tomazini foi realmente lamentável e ninguém, de boa fé, poderia exculpar os seus autores. Infringiríamos, entretanto, os mais comezinhos princípios de justiça, se fossemos generalizar a culpa, nela envolvendo uma coletividade inteira, como quer o trêfego colonista d’*O Estado*, ao opinar, do alto da sua cátedra, pela interdição do estádio de Criciúma. Não sabemos em que fontes cristalinas foi ele abeberar-se das luzes aurifulgentes de tão salutares princípios éticos, revelados agora nos conceitos irrefragáveis das suas observações judiciosas. E tivemos ainda que dar tratos à bola para penetrar nos sublimados refolhos da sua peregrina linguagem, e levantar uma pontinha do véu que engrinalda o seu remate espetacular: “os monomaníacos zoantropos devem ser enjaulados”. [...] Foi então que lembramos aquela sentença luminosa de um crítico literário: “os apteroscribas devem ser dedetizados.”²²

Apesar do tom irônico do texto, até pelo vocabulário empregado, percebe-se a tentativa de transmitir a imagem de um povo culto e civilizado, em oposição àquela passada por ocasião da violência praticada no futebol. E esta não era a primeira vez que a imprensa da capital fazia mal juízo da “civildade” dos criciumenses. Durante a cobertura dos jogos do Figueirense em 1949, *A Gazeta* publicara a seguinte matéria:

Como é do conhecimento do público esportivo, o Figueirense, visitou sábado e domingo últimos a cidade de Criciúma, onde na tarde sabatina enfrentou o forte onze do Próspera, vencendo de 3x1, após um prélio bonito e repleto de lances magistrais, e onde a disciplina e a camaradagem de ambos os contendores se fizeram notar durante todo o desenrolar da pugna. Porém, estava reservado ao esquadrão local o inverso no jogo realizado domingo, contra o Comerciário, porquanto, após uma partida onde a brutalidade e o “coice” dos Comerciários fizeram com que o conjunto ilhéu, acostumado a preliar com educação, fosse vítima das “cavaladas” dos rapazes do Comerciário, que a todo custo queriam vencer o onze citadino, o que, porém, não conseguiram com “coices”. Deve a LARM chamar a atenção dos “bacharéis da estupidez”, que pensam que vencer um jogo de futebol é com “touradas” e outras cousas mais. O Comerciário deve aprender a jogar futebol primeiro e depois convidar outros clubes para defrontar-se, a fim de engrandecerem o nosso *association*. Que os comercialinos se espelhem na disciplina dos rapazes do Próspera, que apesar de

²² “Palpite infeliz”. Folha do Povo, Criciúma, 26 fev. 1951.

vencido pelo alvi-negro, se portaram durante toda a pugna com espírito de cordialidade e amizade. Mas, apesar da facciosidade do juiz e dos bandeirinhas, o Figueirense, sofrendo toda espécie de “coices e brutalidades”, se impôs, empatando com os super-humanos do Comerciário de 2x2. Ao Próspera, o Figueirense agradece as atenções que lhe foi dispensada, estendendo seu agradecimento ao povo de Criciúma.²³

Talvez aí residisse o grande paradoxo da LARM. Para fazer bonito dentro de campo, conquistando bons resultados contra equipes mais tradicionais, era preciso times competitivos, compostos por atletas que encarassem o futebol com grande seriedade. Por sua vez, era justamente este fator “seriedade” que, quando atingia determinado nível de tensão, proporcionava casos de transgressão dentro e fora de campo, os quais acabavam por prejudicar a imagem da cidade. Este equilíbrio de tensão era frágil, e no recorte temporal por ora analisado o futebol cumpria as duas “funções”.

Os tradicionais desfiles de 7 de setembro também funcionavam como um espaço onde a cidade ostentava as suas mais variadas instituições, responsáveis pelo progresso e pela modernização da “Capital do Carvão”. Assim, em 1948, o Prefeito Municipal convidou a LARM a enviar “seus atletas uniformizados para que participassem da passeata”.²⁴ Prática que se tornou comum nas demais cerimônias cívicas dos anos seguintes. No Torneio de Início de 1949, salientou-se “como parte marcante da festa, o brilhante desfile acompanhado pela banda musical local apresentando os clubes as suas bandeiras com os seus respectivos símbolos”. A competição foi prestigiada pela presença de vários senadores e deputados. Neste momento o futebol parecia constituir um dos principais “cartões de visitas” de Criciúma. Isto se verificou quando da vinda à cidade do General-de-Divisão José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, então em

²³ “Invicto o Figueirense em Cresciúma”. A Gazeta, Florianópolis, 03 ago. 1949.

²⁴ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 1, 1948, p. 34. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

campanha pela nacionalização do petróleo, que foi recepcionado pela LARM e assistiu a um jogo entre Próspera e Comerciário.²⁵

As inaugurações de sedes ou de estádios dos clubes locais, ocasiões para as quais invariavelmente eram convidadas equipes de outras cidades, também ajudavam a propagar a imagem de uma Criciúma que, se não moderna, em processo de modernização. Segundo Maurício Ghedin Corrêa (2007), com a fundação da LARM os clubes “passam a preocupar-se com a sua própria estrutura, visando atingir um patamar (geralmente mínimo) que lhes desse condições de participar das competições promovidas pela entidade” (p. 23). Para a inauguração do Estádio Waldemar Brito, por exemplo, o Atlético Operário convidou o Hercílio Luz Futebol Clube, de Tubarão/SC.²⁶

No final daquele mesmo ano de 1951, foi a vez do Avaí visitar o novo estádio de Criciúma. Neste caso, o equilíbrio da tensão entre competitividade e “civildade” parece ter sido atingido e nenhuma confusão foi relatada no “empate com sabor de vitória para o esquadrão da Vila Operária” perante a equipe de Florianópolis.²⁷ O mesmo parece ter ocorrido na ocasião do 1x1 entre Comerciário e São José, apesar do referido apoio de parte da torcida ao time gaúcho. Contra o Corinthians de Porto Alegre, outro empate e inauguração da nova sede do Comerciário:

O Comerciário inaugurou sábado sua nova sede social, nos altos do Café Ouro Preto. O ato teve lugar presentes autoridades civis, religiosas, representantes dos clubes desportivos e associados do clube campeão de 1951. Inicialmente, o presidente do Comerciário convidou o Dr. David Amaral Camargo, juiz de direito da comarca. Este, iniciando o programa convidou o revmo. padre Estanislau Cizeski para fazer o benzimento da sede. Em seguida, usou a palavra o primeiro mandatário Comerciário, Sinval Rosário Böhrer, que proferiu ótimo discurso de saudação a todos os presentes, inclusive à delegação do Corinthians que ora nos visita. O diretor da “Folha do Povo” foi o orador seguinte, e descreveu sobre a marcha vitoriosa do Comerciário

²⁵ Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1949, p. 37-39. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

²⁶ “Atlético inaugurou, ontem, o seu campo”. Folha do Povo, Criciúma, 04 jun. 1951.

²⁷ “Atlético empatou com o Avaí”. Folha do Povo, Criciúma, 05 nov. 1951.

desde os primeiros dias de sua existência. O tenente Jandir Duarte, presidente da embaixada corintiana, produziu brilhante peça oratória de estímulo e entusiasmo para os desportistas. Por fim, falaram o revmo. padre Cizeski e o Dr. David Amaral Camargo, sendo aplaudidíssimas as suas orações.²⁸

Através do cerimonial de inauguração, fica claro o prestígio do clube – e do futebol – para com vários segmentos da sociedade. A presença de autoridades políticas, militares, civis e religiosas, demonstra como o esporte estava inserido no projeto de modernização da cidade. A presença da delegação do Corinthians, por sua vez, construía uma ótima imagem de Criciúma perante Porto Alegre.

Mas nem sempre era sim. Como já expusemos, as notícias vinculadas ao futebol criciumense muitas vezes não eram as idealizadas pela classe dirigente da cidade. Na preliminar do preocupante confronto entre Comerciário e Ferroviário pelo Campeonato Catarinense de 1950, por exemplo, o jogo entre os “aspirantes” dos dois times foi paralisado “pela ocorrência de luta generalizada entre os *players* dos dois conjuntos”.²⁹

É na temporada de 1951 que os atos de violência parecem se tornar mais assíduos. Na final do Torneio Extra, entre São Paulo e Comerciário, o juiz Romeu Carvalho, colunista da *Folha do Povo*, “foi agredido brutal e violentamente por diversos jogadores alvi-azuis”.³⁰ Na semana seguinte, no jogo entre Araranguaense e Próspera, “verificou-se outro incidente que degenerou em briga [e] pancadaria grossa”.³¹ Em novo confronto do Comerciário com o São Paulo, “um grande sururu envolveu populares e jogadores, aparecendo sarrafos, facas, navalhas e canivete”.³² A matéria de cobertura do Torneio de Início estampou uma fotografia de má qualidade, cuja legenda indicava que

²⁸ “Comerciário tem nova sede”. *Folha do Povo*, Criciúma, 21 jan. 1952.

²⁹ “Aspirantes do Comerciário venceram por 1 a 0”. *Folha do Povo*, Criciúma, 19 fev. 1951.

³⁰ “São Paulo vence o Torneio Extra de 1951”. *Folha do Povo*, Criciúma, 30 abr. 1951.

³¹ “A polícia deve tomar conta”. *Folha do Povo*, Criciúma, 07 mai. 1951.

³² “Comerciário X São Paulo”. *Folha do Povo*, Criciúma, 10 set. 1951.

se tratava de torcedores invadindo o campo.³³ Ao final do primeiro turno, o comentarista de codinome “Pé... Ligeiro” fez o seguinte balanço:

Se não me falha a memória, este ano, em quase todas as rodadas disputadas, os árbitros foram sempre as vítimas, devido à incompreensão e falta de educação esportiva de alguns torcedores exaltados. Alguns juízes foram até esbofeteados em pleno gramado. Houve até elementos componentes de diretorias de alguns clubes locais que tomaram parte nestas agressões corporais, chegando mesmo a incentivar a torcida contra os árbitros; fatos estes bastante lastimáveis, porque não é crível que numa cidade como Criciúma, que acompanha de perto a *marcha vertiginosa da civilização*, aconteçam casos dessa natureza.³⁴

Novamente precisamos ser cautelosos em relação às fontes e ressaltar que a temporada de 1951 é a primeira com a cobertura de uma imprensa escrita, o que nos propicia maiores informações do que as advindas das atas da liga. No entanto, mais uma vez observamos que o cruzamento das fontes aponta na mesma direção, pois vários dos casos de indisciplina narrados pelo jornal geraram julgamentos na LARM que foram transcritos para os livros ata.³⁵ Podemos afirmar, com certa precisão, que o nível de violência nos gramados criciumenses no ano de 1951 era bastante elevado, que este fenômeno estava diretamente ligado ao aumento da seriedade com a qual jogadores e torcedores vinham encarando o futebol desde o final da década de 1940, e que oficializar a adoção do regime profissional poderia significar a dissolução do que restava dos “valores amadores” e avalizar este processo que, em muitos casos, estava prejudicando a imagem idealizada da cidade de Criciúma.

O futebol e as interdependências sociais

³³ “Futebol sensacional”. Folha do Povo, Criciúma, 11 jun. 1951.

³⁴ “Chute sem bola”. Folha do Povo, Criciúma, 13 ago. 1951 (grifos nossos).

³⁵ Liga Atlético da Região Mineira, Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1951, p. 71-90. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

Uma semana após o seu cronista esportivo ter sido agredido enquanto apitava um jogo de futebol, a *Folha do Povo* veiculou a seguinte matéria, talvez escrita pela própria vítima. O diagnóstico nos traz quase todos os elementos que estavam envolvidos no processo de profissionalização do futebol de Criciúma, que começaria a ser debatido exatamente um ano mais tarde.

Do jeito como vão as coisas, dentro de pouco tempo, deixará de existir, por parte dos que apreciam o futebol, o interesse e apoio que sempre deram aos esportistas e aos clubes locais. São exatamente os clubes mais em evidência os que, por seus craques, com exceções, têm sido pródigos nos maus exemplos. Urge que voltemos àqueles bons tempos do passado, em que o futebol era praticado por bons esportistas, tão somente. [...] já firmou hábito, em nossos gramados, verem-se os jogadores em luta desrespeitando a tudo e a todos. A polícia deve tomar providências enérgicas, para que a punição sirva de exemplo aos desordeiros, atrevidos, mal educados e péssimos desportistas que infestam os campos de futebol.³⁶

Para o autor, uma das principais consequências negativas dos casos de violência nos jogos seria o possível fim do apoio que os “apreciadores” do futebol “sempre deram aos esportistas e aos clubes locais”. Apoiar os clubes e os atletas significava se identificar com eles e, a partir de então, ir ao estádio pressionar os jogadores pela realização de um espetáculo excitante ou pela obtenção de um resultado que causasse orgulho à coletividade que eles representavam. Se este apoio fosse financeiro, a cobrança sobre os jogadores seria ainda mais legítima e a pressão aumentaria. Como vimos, era justamente este crescimento da competitividade e da busca por resultados que estava fazendo com que o futebol perdesse a característica de um “confronto simulado” para transformar-se em um conflito real.

Sintomático disso é que, como diz o próprio texto, eram “exatamente os clubes mais em evidência” também os mais “pródigos nos maus exemplos”. Parece-nos que os times que suscitavam identidades mais arraigadas recebiam maior apoio, o que por sua

³⁶ “A polícia deve tomar conta”. *Folha do Povo*, Criciúma, 07 mai. 1951.

vez aumentava a pressão sobre os atletas e, conseqüentemente, a tensão do jogo, ficando este mais próximo de irromper em cenas de violência. O autor também fala sobre os “bons tempos do passado, em que o futebol era praticado por bons esportistas”. Para nós, numa referência clara e saudosista aos valores amadores.

São elementos como estes, imbricados no processo de profissionalização do esporte, que tornam a sua aceitação tão conflituosa. Durante as discussões em torno da mudança dos estatutos da LARM, não percebemos nenhum grupo de oposição à oficialização do regime profissional, no entanto, isso não quer dizer que não houve resistência. O cuidado com o qual o processo foi conduzido pela LARM e os receios após sua homologação sugerem que este foi sim um processo longo e conflituoso. Quem sabe muitos percebessem que, de alguma forma, adotar o regime profissional seria avalizar o aumento da seriedade no futebol, seriedade para a qual o nível de autocontrole dos criciumenses talvez fosse insuficiente naquele momento, pelo menos para o comportamento que a LARM e a classe dirigente de Criciúma esperavam deles.

A solução, prosseguindo com a opinião do articulista da *Folha do Povo*, seria a punição. No entanto, vimos que a presença da polícia parecia não intimidar os desordeiros. Apesar da existência de um Conselho de Justiça e de uma Junta Disciplinar Desportiva, suas atuações também não demonstraram muita eficácia e raras vezes as penas por eles aplicadas foram cumpridas. No caso da final de 1950, por exemplo, quando os juízes foram unânimes em apontar o goleiro do Atlético como o sendo o “causador principal dos distúrbios”, o jogador foi “suspense por tempo indeterminado”. Contudo, apenas quatro meses depois, Anísio Cardoso compareceu à reunião da LARM para “pedir condescendência pela falta cometida”, e o presidente da liga sugeriu a absolvição “para que não ficassem ressentimentos”. Na ocasião, houve protesto por

parte do presidente do Comerciário que, curiosamente, ainda naquela temporada contratou Anísio para jogar no seu clube.³⁷

Este episódio, dentre outros que poderiam ser descritos, serve para demonstrar a grande interdependência que existia no futebol de Criciúma às vésperas da adoção do regime profissional. Mesmo sendo representada como a “Metrópole do Carvão”, Criciúma, nesta época, possuía pouco mais de 50 mil habitantes. Portanto, quando Mário Romancini foi embora da cidade e o Comerciário ficou sem goleiro, talvez a única alternativa para substituí-lo à altura fosse através da contratação de Anísio. Apesar do prestígio que o futebol tinha neste período, havia poucos clubes filiados à LARM e um número reduzido de atletas “de destaque”, alguns fiéis, outros transitando entre os seis times “grandes” da cidade.

Nos clubes das vilas operárias, em muitos casos, patrões e empregados vestiam o mesmo uniforme. Até o Comerciário, o time “da elite”, para ter uma equipe competitiva precisava admitir jogadores de origem mais “popular”. A ausência e ineficácia das punições sugerem que, por mais que os objetivos em torno do futebol pudessem divergir em alguns aspectos, todos os envolvidos possuíam algum tipo de poder sobre os demais, fazendo parte de uma configuração única, mas composta por pessoas e grupos interdependentes que exerciam pressões uns sobre os outros.

Na concepção de Dunning (1992), o equilíbrio entre estas tensões poderia ser tanto “uma consequência da dinâmica relativamente autônoma de configurações de jogos específicas” quanto “da maneira como essas configurações estariam articuladas na estrutura mais vasta das interdependências sociais” (p. 303). Assim sendo, esta “cadeia

³⁷ Liga Atlética da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1951, p. 73-75. Arquivo do Criciúma Esporte Clube.

de interdependências” e estas “pressões” presentes no futebol, não tinham suas origens apenas no esporte, mas sim na configuração social global da qual este fazia parte.

Para Norbert Elias (1992), o equilíbrio entre as relações de poder de uma sociedade está intimamente ligado ao nível de divisão do trabalho nela existente. Com o aumento da “especialização funcional”, os diferentes grupos passam a depender mais uns dos outros provocando, assim, uma diminuição do “poder diferencial”, ou seja, o crescimento da divisão do trabalho tende a abrandar a discrepância nas relações de poder entre dirigentes e dirigidos. Segundo o sociólogo, “este processo efetua-se porque os representantes de papéis especializados estão dependentes uns dos outros e podem, por esse motivo, exercer controle recíproco” (p. 320). Deste “controle multipolar” exercido dentro dos grupos e entre eles, emergiriam “cadeias de interdependência” cada vez mais extensas e diferenciadas, formando uma configuração social global onde não só os grupos, mas também os indivíduos sofrem grande pressão por parte dos outros, devido às dependências recíprocas em que estão envolvidos.

Através de uma análise comparada do esporte na Inglaterra pré-industrial e industrial, Eric Dunning (1992) observa que foi a partir da emergência dos Estados urbanos e industriais que “as formas de desporto mais ‘dirigidas para os outros’ se orientaram para os resultados e se desenvolveram esforços no sentido da luta e da identidade e de recompensas pecuniárias” (p. 312). Ao diagnosticar que nas sociedades pré-industriais não havia significativa pressão nas relações esportivas, mesmo entre aquelas desenvolvidas por grupos sociais “antagônicos”, o sociólogo sugere que a origem social do aumento da seriedade nos jogos, “deva ser procurada na configuração social elaborada em conjunção com a industrialização” (p. 313). Para ele, “a chave para esta relação se situa no processo que Elias designa por ‘democratização funcional’ – a

mudança que estabelece a igualização no equilíbrio de poder” (p. 318). Como já dissemos, este processo ocorre de modo contingente ao alargamento das cadeias de interdependências sociais, verificas, sobretudo, nas sociedades industriais modernas.

Para Dunning (1992), o elo entre a “democratização funcional” e o crescimento da seriedade no esporte é o poder de representatividade que o mesmo adquire neste tipo de configuração social. Nas sociedades industriais, há “um grau de ‘cosmopolitismo’ que denota serem os grupos locais entendidos como rivais potenciais, pelo que anseiam por se comparar com os outros” (p. 320). Estas pressões recíprocas geralmente se reproduzem na esfera esportiva, transformando os lados oponentes em elementos de identificação:

É provável que o caráter de oposição inerente ao desporto, isto é, o fato de se tratar de uma luta pela vitória entre duas ou mais equipes, ou entre dois ou mais indivíduos, explique a sua proeminência como um foco de identificação coletiva. Isto significa que o próprio desporto proporciona a identificação de grupo, mais precisamente a formação da ideia de se “pertencer ao grupo” e de estar “fora do grupo”, de “o nosso grupo” ou de “o grupo deles”, no quadro de uma variedade de níveis, como os níveis da cidade, distrito ou país (DUNNING, 1992, p. 324).

A partir dos pressupostos teóricos de Norbert Elias e Eric Dunning, podemos concluir que nas sociedades urbanas e industriais os “controles multipolares” pressionam os indivíduos no sentido de um autocontrole das emoções, sendo o esporte um “enclave social” capaz de produzir, de forma controlada e socialmente limitada, excitação agradável aos jogadores e espectadores. Nestas sociedades altamente rotineiras, o esporte cumpre uma função de “destruidor da rotina”, onde é consentido o direito de manifestar emoções em público, no entanto, estas sujeitas a formas de controle de civilização. Por outro lado, a divisão do trabalho, que também é característica destas sociedades urbanas e industriais, cria cadeias de interdependência que tornam as relações de poder mais equilibradas. Neste tipo de configuração social, as

equipes esportivas aumentam significativamente sua capacidade de suscitar identidades, elevando assim o nível de seriedade com a qual os envolvidos encaram o jogo. O mesmo crescimento do significado social do esporte que tende à profissionalização provoca o aumento da tensão entre jogadores e torcedores que, ao atingir determinados níveis, será capaz de fazer com que o jogo perca seu caráter de combate simulado e transforme-se em conflito real, gerando espaços de “descivilização”.

No período estudado, o futebol era o principal – talvez único – espaço onde eram permitidas as demonstrações em público das emoções reprimidas nas demais atividades marcadamente rotineiras. Em oposição à pressão controladora e disciplinadora das minas e das vilas operárias, o campo de futebol era o local da desforra, onde era consentido o direito de infringir as regras, de desacatar o árbitro, de discordar das punições e até de usar a força física, desde que respeitasse os limiares de violência estabelecidos pelos ideais de “civildade”. Mais do que isso, era o espaço onde se podia desafiar e vencer, mesmo que através de combates simulados, grupos com os quais não se identificava. No entanto, nos parece que, neste período, o nível de “civildade” dos criciumenses crescera de forma desproporcional ao grau de seriedade com que era encarado o esporte.

Considerações finais

O arcabouço teórico-metodológico aqui utilizado nos ajuda a melhor esclarecer práticas sociais que a princípio parecem contraditórias, como a relação entre violência e profissionalização no esporte, mas que emanam, além das questões desportivas mais imediatas, da configuração social global na qual jogadores, dirigentes e torcedores estão inseridos. Não se trata de forjar o nosso objeto de estudo a fim de “encaixá-lo” em um

modelo predeterminado, mas as observações que fizemos acerca do aumento da seriedade no futebol de Criciúma, que culminou na oficialização do regime profissional em 1952, apontam que este fenômeno esteve intimamente ligado ao processo de desenvolvimento de uma sociedade do tipo industrial na região. Apesar de esta constatação parecer empiricamente óbvia, é a partir dos conceitos desenvolvidos por Norbert Elias e Eric Dunning que ela pode ser melhor compreendida.

Isto sugere a possível existência, segundo Dunning (1992), de “uma ligação entre o processo de civilização e a tendência para a crescente seriedade assinalada nas formas de participação no desporto” (p. 311). Elementos que julgamos estar presentes na sociedade criciumense daquele período, como a “democratização funcional” que suscitava identidades entre clubes e torcedores e as “cadeias de interdependência” que permitiam a convivência de objetivos opostos em torno do futebol, são processos estruturais que estão nas origens sociais do “processo de civilização”, teoria principal que norteia as ideias tanto de Dunning quanto de Elias.

Referências bibliográficas

ALVES, Darlan. *Poder e futebol na Metrópole do Carvão*. 2001 (Monografia de especialização em História). FAED/UDESC, Florianópolis, 2001.

BERNARDO, Roseli Terezinha. O tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 129-148.

BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: a família operária e a moradia na região carbonífera (1913-1930). In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 99-114.

BÚRIGO, Pitty. Década de 1930: a sede própria. *Revista da Sociedade Recreativa Mampituba 85 anos: um clube para viver (1924-2009)*, Criciúma, edição comemorativa, p. 10-12, 2009.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: UFSC, 2002.

_____. *Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930-1964)*. 2004 (Tese de Doutorado em História). USP, São Paulo, 2004.

CORREIA, Maurício Ghedin. *Lembrando os heróis do passado: uma História Social do futebol em Criciúma (1950-1970)*. 2007 (Trabalho de Conclusão de Curso em História). UFSC, Florianópolis, 2007.

DASSILVA, Zé; GASPERIN, Emerson. *Almanaque do futebol catarinense*. Florianópolis: Edição do autor, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GOULART FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Relações de trabalho e formação da mão-de-obra mineira em Santa Catarina (1918-1929). In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 35-48.

MACHADO, César do Canto. *História do futebol catarinense*. Florianópolis: Insular, 2000.

NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 383-394.

OSÓRIO, Paulo Sérgio. *Cuidando dos bem-nascidos: o Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no contexto de urbanização e modernização de Criciúma/SC (1940-1962)*. 2008 (Dissertação de Mestrado em Educação) PPGE/UNESC, Criciúma, 2008.

SILVA JÚNIOR, José da. *Histórias que a bola esqueceu: a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida*. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.